

A cidade sem urbanismo,
Euronotícias, 20/09/ 2002

Mario Moutinho

No Museu Nacional de História Natural está patente ao público até ao fim do mês de Setembro, uma exposição intitulada “30 Anos de Caos Urbanístico”, *por um debate nacional, pensar um Urbanismo de qualidade em Portugal*.¹ Cerca de 50 imagens testemunham em particular os seguintes temas: ocupação do solo desordenada, violência contra a Cidadania, amálgamas urbanas, poluição visual, baldios urbanos, arquitectura contra o território, modelos de planeamento caducos, favelas de férias e surrealismo na cidade.

Como é dito na apresentação da exposição, foram anos seguidos de ausência de formação específica, de défice de planeamento consistente e criativo, aliados a pressões especulativas no campo do imobiliário e do ordenamento do território, que conduziram ao crescimento descontrolado das cidades, vilas e aldeias e ao desordenamento do território.

Mas esta exposição não se limita apenas a fazer um balanço. Pelo contrário, aponta caminhos que com um pouco de bom senso, o país há muito deveria ter assumido. São três esses caminhos:

Em primeiro lugar é urgente a qualificação dos Gabinetes Técnicos da Administração local e central. Na verdade o mais dramático da exposição não é apenas a imagem do próprio “caos”, mas o facto de todo ele ter sido licenciado e fiscalizado por Câmaras Municipais ou pela Administração Central.

A introdução de novos perfis profissionais não é tarefa fácil, pois obriga à reorganização de processos de trabalho e ao enfretamento com os interesses estabelecidos e com verdadeiras redes ilegais de controlo e execução de projectos de “obras”.

Obriga também a adaptações ou revisões da legislação sempre penosas. O actual anteprojecto de diploma para a qualificação profissional exigível aos autores de projectos de obras que irá revogar o velho e daninho Decreto n.º 73/73, é neste domínio um exemplo de pura e premeditada “ignorância” sobre as razões que caucionaram e viabilizaram o caos urbanístico do País. Enfim isso obriga à compreensão generalizada de que a arquitecto trata da arquitectura, o Urbanista do Urbanismo e o Engenheiro das Engenharias. São formações diferentes no conteúdo e nos objectivos, e levam a práticas profissionais específicas, sem que isso retire sua necessária e indispensável articulação. Obriga também as Ordens profissionais a actuarem com um sentido de responsabilidade mais forte que a simples defesa de interesses estabelecidos, bem reais, mas nunca assumidos.

O segundo caminho, tão complicado como o anterior passa pelo acordar dos Conselhos de Reitores das Universidades Subsidiadas e das Universidades Auto-financiadas, para a necessidade de adaptarem os seus planos de ensino às necessidades do país. Só eles podem sacudir a letargia intelectual de inúmeros conselhos científicos e/ou pedagógicos que vivem na rotina dos processos administrativos. Um pouco de planeamento neste domínio evitaria afunilamentos como na área da saúde ou alheamento quase completo em relação a outras áreas.

Chegámos ao fim do tempo em que qualquer licenciatura era “boa”, pois, pelo menos sempre assegurava um lugar como docente no ensino secundário.

Enfim, um último caminho, que seria o de sensibilizar o Ministério da Educação para a urgência de ser criada, pelo menos uma disciplina de Introdução ao Urbanismo. O que

¹ Esta exposição está também aberta em Pombal, Leiria e Figueiró dos Vinhos com a colaboração das respectivas Câmaras Municipais e na FIL-Urbanismo em Lisboa de 27 a 30 de Setembro será apresentada de forma resumida no espaço da Associação Profissional dos Urbanistas Portugueses e do Centro de Estudos de Sócio-urbanismo da ULHT.

actualmente se ensina no ensino secundário sobre Urbanismo está disperso por várias disciplinas, é confuso, por vezes inconsistente, e sobretudo não tem “alma”. Mas poderia ser uma disciplina aliciante onde os jovens aprenderiam a olhar criticamente para o meio em que vivem, despertando neles o interesse pelos problemas urbanísticos dos espaços citadinos e rurais e fomentando um espírito de responsabilidade colectiva para a solução dos problemas. Mas naturalmente essa disciplina deverá ter por base um olhar actual do lugar do Urbanismo na sociedade contemporânea, seguindo pelo menos as orientações europeias sobre estes assuntos.

Pode haver quem pense que tudo isto é utopia, mas para nós utopia, é não se enfrentarem os desafios, e pensar que tudo continuará na mesma.